

Hostis e ξένος (*Xenos*) no *Diário da Peste* de Gonçalo M. Tavares: o homem estrangeiro de si mesmo

Hostis and ξένος (*Xénos*) in *Plague Diary of Gonçalo M. Tavares: Man becomes a stranger to himself*

Ana Isabel Correia Martins

Universidade de Coimbra
anitaamicitia@hotmail.com

Palavras-chave: *hostis*, estrangeiro, *Diário da Peste*, pandemia.
Keywords: *hostis*, foreign, *Journal of Plague*, pandemic.

É reconhecida, nos Gregos, a grandeza de quem recebe na sua casa os outros. É dito na Odisseia. “Um hóspede e um suplicante valem como um irmão para qualquer pessoa, por pequeno que seja o seu entendimento.” (Tavares, 2014, p. 83)

Porque hoje chegam os Bárbaros,
Que odeiam a retórica e os discursos compridos.
E a que vêm, agora esta inquietação
E esta agitação?
(Como os rostos se tornaram graves!)
E porque esvazia a multidão ruas e praças
E cada um, com ar sombrio, volta a casa?
É que a noite caiu e os Bárbaros não chegam.
Pessoas recém-vindas das fronteiras
Garantem que já não há Bárbaros.
E agora que será de nós sem os Bárbaros?
Essa gente, apesar de tudo, sempre era uma
solução.

(O'Neill, 2008, p. 157)

In limine

A 23 de Março de 2020, início do confinamento em Portugal, no contexto da pandemia da COVID 19, Gonçalo M. Tavares inaugurava no jornal *Expresso*

um espaço de crónicas diárias, *Diário da Peste*, traduzidas simultaneamente em diversas línguas¹. A 20 de Junho terminara este projecto: 90 dias, 90 diários – “Estou cansado, fecho a janela e o diário; quero fazer outra coisa” (Tavares, 2020, 20 de Junho e 8 de Junho). Se Júlio Verne precisou de 80 dias para dar a volta ao mundo, Gonçalo M. Tavares precisou de mais 10 dias para não sair do mesmo lugar. Seguindo os mapas de *Voyage autour de ma chambre* de Xavier de Maistre, o autor do *Atlas do Corpo e da Imaginação* demonstra que estarmos fechados ou confinados não significa estarmos parados pois o movimento do corpo e da cabeça não são coincidentes, nem tão pouco a velocidade do pensamento corresponde à velocidade da acção².

In illo tempore, as viagens marítimas levaram-nos ao outro lado do mundo e este *Diário da Peste*, que talvez possa ser considerada a segunda epopeia tavariana, é um novo convite à navegação metafísica do pensamento, para chegarmos ao outro lado de nós mesmos, como já o fora *Uma Viagem à Índia*, a oportunidade para nos repensarmos enquanto indivíduos e sociedade, na descoberta do *espelho em negativo* (Calvino, 2015, p. 37). Bloom alertava para o facto de que “um homem não conhece a sua verdadeira ambição/até passar por uma tragédia forte,/ uma tragédia individual. Só se sabe olhar, depois de se aprender” (Tavares, 2010, pp. 200-201) e geralmente aprende mais parado do que em movimento, desafiando as cinco dimensões da Era da Técnica: espaço, tempo, ritmo, intensidade e velocidade³. A pandemia então revela-se essa tragédia forte, que nos lança agora à deriva na redescoberta de um porto seguro (e tão distantes que ainda estamos de terra firme); encarcerou-nos e colocou-nos em clausura como se fôssemos monges sem crença e sem fé⁴; reduziu-nos ao essencial – “desnortado, desorientado. Perder o norte e o oriente./O verso de Huidobro – os quatro pontos cardeais são três: o norte e o sul/o resto é isto: é o essencial” (Tavares, 2020, 30 de Abril). A prioridade reduz-se à sobrevivência tanto que a indústria de perfumes se converte em produtora de álcool e a indústria automóvel produz máquinas de ventilação, em detrimento dos motores de carros⁵. Perante a invisibilidade do perigo, mergulhámos numa cegueira colectiva, como se os cinco sentidos tivessem deixado de ser suficientes para preservar a nossa espécie porque para matar precisamos de ver, e o vírus mata-nos à traição e às escuras⁶.

As muitas dezenas de escritores, filósofos, poetas e artistas convocados por Tavares, ao longo dos diários, conferem uma complexidade epistémica e um enciclopedismo notável, qual labor filológico da *ars scribendi* dos humanistas quinhentistas: Guattari, Hölderlin, Céline, Kafka, Guimarães Rosa, Fernando Pessoa, Wittgenstein, Goethe, Rachel Whiteread, Hannah Arendt, Kabakov, Kenneth Goldsmith, Orwell, Cortázar, Rilke, Yoko Tawada, Gabriel Orozco,

¹ A título de exemplo: <https://granta.com/plague-diary-april/> consultado a 27/09/2020.

² Sobre as várias dissidências desta obra, genológicas, mas não só, vide Martins, 2021, pp. 117-138.

³ Sobre *Uma Viagem à Índia* vide Martins, 2017, pp. 379-389.

⁴ Cf. Tavares, 2020, 25 de Março.

⁵ Cf. Tavares, 2020, 27 de Março.

⁶ Cf. Tavares, 2020, 25 de Maio.

Voltaire, Auden, Bataille, Kierkegaard, Kant, Calvino, Robert Musil, Deleuze, Nina Simone, Holderlin, Brecht, Emily Dickinson, Pirandello, Jacob Steinberg, Heidegger, Emilio Lledó, Ambrose Bierce, Eliot Weinberger, Nietzsche, Wagner, Safranski, Freud, Paul Virilio, Peter Sloterdijk, W.H Auden, Pascal Quignard, Arthur Rimbaud, Goddard, Lilia Schwarcz, Edward Gassner, Vicente Garcia Hudobro, George Brassens entre outros. Estas figuras não sendo personagens assumem-se como vozes omnipresentes, faróis no exercício hermenêutico, *au-toritates* que validam e adensam o processo estético-literário e que desinquietam o leitor. A narrativa é sinuosa no jogo entre o real e o ficcional, qual tessitura de Penélope que nos enreda e confunde.

Há *topoi* estruturantes que perpassam a generalidade dos Diários tais como a fronteira ténue entre animalesco e humano; a relação homem *versus* máquina, que nos reenvia para a consciência da perversidade e do absurdo civilizacional; a bipolaridade de forças e ausência de meio termo numa sociedade capitalista; o *non sense* da (des)organização social, económica e política e ainda a reificação das relações humanas. Esta obra predispõe-se a várias abordagens e será igualmente interessante reconhecer a presença do sarcasmo e da ironia subjacentes à denúncia virulenta de uma sociedade falida económica e democraticamente. A sátira tavariana não giza apenas as comunidades nas suas múltiplas fissuras e incoerências mas também a fragilidade, a atomização e a precariedade do indivíduo. O humor é o último reduto quando tudo o resto falha, a estratégia de distanciamento do trágico e de sobranceira perante a morte: “há que rezar para pedir sentido de humor a Deus” (Tavares, 2020, 14 de Abril)⁷. Nesta extensão, mas sob uma outra óptica, podemos ainda analisar a crítica que estes diários tecem a uma sociedade doente e exaurida deste *excesso de positividade*⁸. O vírus apenas trouxe a lupa para evidenciar os problemas latentes: a vertigem da nossa existência, a ausência de sentido enquanto espécie, a melancolia, a nostalgia, o medo e a perda de liberdade e da memória⁹. Independentemente da perspectiva de análise que possamos escolher, certo é que bastou o mais pequeno elemento da natureza – um vírus – pôs em causa a Humanidade, na crença do seu inabalável gigantismo ciclópico, para que nos recordássemos de que somos falíveis e insignificantes, para que perdéssemos a presunção de que a “potência militar e

⁷ “Eu quero fazer uma confissão pessoal, diz o papa em 2017. Todos os dias, depois de ter feito as minhas orações principais, rezo ao mártir Thomas More a pedir senso de Humor”. [Tavares, 2020 14 de Maio]. Lembremos então o dito de Thomas More quando estava a ser encaminhado para a forca ladeado pelos seus carrascos: “agradeço a ajuda mas descer, desço sozinho”. Decorreu em Paris na Universidade da Sorbonne o XX Congresso da Sociedade Internacional de Humor Luso-Hispano, de 21 a 24 de Junho sob o tema “Humor e Crise/Humor em Crise”. Uma das sessões foi consagrada à discussão da obra de Gonçalo M. Tavares “O papel do escárnio e a seriedade do Humor no Diário da Peste”.

⁸ Decorreu no Porto um congresso internacional em torno desta temática da fadiga e a obra de Gonçalo M. Tavares foi alvo de escrutínio: https://ilcml.com/wp-content/uploads/2022/06/ILCML_Lectures-de-la-fatigue_Programa_v06.pdf

⁹ Cf. Tavares, 2020, 16 de Junho; 2020, 11 de Abril; 2020, 6 de Maio; 2020, 13, 15 e 16 de Maio.

tecnológica” nos pode salvar. Num outro Diário para *O Jornal de Letras* de 26 de Agosto a 8 de setembro de 2020, Gonçalo M. Tavares afirma:

pandemia de 2020 colocou o estrangeiro como esse que traz o mal, neste caso a doença. O estrangeiro não traria apenas desemprego, mas o extremo inimigo do vivo saudável, a morte. [...] Falava-se, a certa altura, de estirpe italiana, espanhola, asiática ou sul-americana do vírus. Estirpes de vírus que parecem ter uma particular cor de pele, uma cultura e uma língua. Nunca a nossa. Uma xenofobia que vai da superfície da pele para o organismo. Pode usar-se a palavra aprofundar e tal palavra é indicada de forma literal e física: xenofobia bem mais profunda. O perigo que o estrangeiro traz já não é apenas a sua fala diferente, a sua cultura diferente ou a sua pele diferente. É o seu vírus. Nem precisas de ver, até no que é invisível o estrangeiro é perigoso.

No entanto, a pandemia alargou a polissemia da palavra estrangeiro para além do Outro. Neste exercício de alteridade, o indivíduo torna-se estrangeiro dele mesmo, na descoberta dos seus limites e sombras, das suas fragilidades e fissuras de carácter: “Ficar em casa é descobrir-se como estrangeira, diz a historiadora Lilia Schwarcz./Isto. Estar no mesmo sítio mas de forma diferente./ Quem é este estrangeiro que está na minha casa a estas horas do dia? Sou eu./E também não sou eu, claro” (Tavares, 2020, 9 de Abril).

O presente trabalho pretende, num primeiro momento, desenvolver uma análise etimológico-semântica dos conceitos de *hostis*, *xenos*, bárbaro, reconhecendo de que forma Gonçalo M. Tavares potencia estas ambiguidades no seu jogo literário de cariz filosófico e de invectiva socio política. Seguidamente, deter-nos-emos na relação de concorrência do homem com a máquina e com outras engrenagens tecnológicas, como se de duas espécies se tratassem, em que a supremacia de uma se repercute na ameaça sobre a outra. Consequentemente, a usurpação dos espaços que o homem faz aos animais e ao mundo natural, essa *hybris* na transposição das fronteiras dos respectivos *habitats* merecem a nossa atenção para dirimir a relação com o próximo. Afinal, quem são os estrangeiros, quem determina quem são os Outros, de onde vem a ameaça e quem somos nós? São estas as questões nodais e liminares para o nosso exercício.

Ambiguidades etimológicas e outras polissemias: *hostis*, *xénos* e bárbaro

“Avoir un ennemi est important pour se définir une identité, mais aussi pour se confronter à un obstacle, mesurer son système de valeurs et montrer sa bravoure. Par consequence, au cas où il n’y aurait pas d’ennemi, il faut le construire”.

(Eco, 2011, p. 13)

O dicionário de Latim-Português da Porto Editora define o substantivo masculino da terceira declinação *hostis*, *-is* nos seguintes termos:

1. *estrangeiro, hóspede, peregrino, o que é de outro país;*

2. *Inimigo de guerra, inimigo público;*
3. *Peão do adversário (num jogo semelhante ao xadrez).*

Comecemos pelo terceiro sentido, vamos a jogo.

Desde a *Odisseia* e do episódio de Ulisses e Polifemo que a Literatura tem representado o confronto da força bruta com a inteligência e argúcia. A procura desta racionalidade é muitas vezes alegorizada no jogo de xadrez, veja-se em Edgar Poe, Jorge Luís Borges, Lewis Carroll, Rodolfo Walsh, Henri Bergson, Juan Jose Arreola, Stefan Zweig, William Faulkner, Samuel Becket, Fernando Pessoa e, evidentemente, Ludwig Wittgenstein. O valor relativo das peças vai-se definindo na relação com as outras, possibilidades que se multiplicam, sucedem e expõem, elevando-se à potência do infinito. É este tabuleiro a preto e branco, de binómios, polaridades e antinomias, jogos de lógica, domínio e poder, ironia e *non sense* que Gonçalo M. Tavares explora no seu *Diário da Peste*:

Na rua, jogo de xadrez. Cada pessoa pára ou avança ocupando um quadrado imaginário./ “Cada um no seu quadrado” – canção kitsch brasileira./ Cada um no seu quadrado a ser totalmente livre no seu quadrado a ser totalmente livre no/seu quadrado./ O artista Bruce Nauman a rodear o perímetro de um quadrado com o seu andar lento e levemente perverso./ Como um animal a marcar território com os pés./ O médico e escritor, Mbate Pedro, disse que em Moçambique, por falta de água, as pessoas higienizam as mãos com cinza./ Mãos, cinza e água./ Na rua, jogo de xadrez. [...] Levar para a rua um quadrado imaginário como quem leva uma ideia fixa./ No seu quadrado imaginário cada um faz o que quer./ Mudos uns, outros gritam – alguns cantam./ [...] “Nunca desistir, nunca desespear”, um lema antigo./ Uns, torre: avançam sempre em frente./ Outros percorrem diagonais./ A rainha no xadrez pode tudo, e o rei é protegido por todos. (Tavares, 2020, 8 de Maio)

Kasparov, um dos maiores xadrezistas do mundo, defende que o xadrez é a vida em miniatura, a representação lúcida (lúdica por vezes) e crua onde a guerra e o confronto são dialécticas inalienáveis, com a ingerência de todas as suas nuances: lucidez, medo, angústia e tensão. O xadrez tem um carácter cartesiano, se considermos as três fases do jogo – abertura, meio-jogo, final. Se na primeira e segunda partes há espaço para elaborações criativas, na parte final sobressaem as qualidades racionais e calculistas. Este jogo/desporto comprova que não interessa a quantidade de peças que vão resistindo no tabuleiro mas a qualidade e os estratagemas das que restam. Quando se sacrificam algumas em prol de outras não é senão para que as que resistem se possam tornar mais valiosas e estratégicas. Cada uma tem determinadas valências e especificidades mediante as alianças que faz potenciando ou fragilizando o seu poder:

O silêncio era de Cage. Não se rouba assim o subtil./ No xadrez, “uma menina húngara é capaz de ganhar aos campeões”./ Uma das vantagens do xadrez é que não há retórica./ Tudo é silêncio e acto útil./ Não adianta muito abanar os pés ou a cabeça./ Tens de mexer uma peça e depois aguardar./ Uma boa síntese, mas a vida é um pouco mais móvel e imprevisível. (Tavares, 2020, 3 de Junho)

O empate em xadrez alcança-se ou por mútuo acordo ou por insuficiência de material que resulte em xeque-maque. A própria palavra empate tem na sua etimologia o étimo *pathos* do grego ou *passio*, *-onis* em latim, e tal facto faz com que empate com uma máquinha seja uma aporia semântica e uma impossibilidade.

Retomemos a segunda acepção etimológica de *hostis* como *Inimigo de guerra*, *inimigo público* – sem esquecer que para inimigo privado e doméstico o étimo mais usado era *inimicus*. O *Diário da Peste* vem sinalizar a hostilidade desta pandemia da qual só nos podemos proteger recolhendo ao espaço doméstico. O que vem de fora é hostil, desconhecido, é alvo de indiferença e/ou de medo: “tirando Wuhan, todo o resto do mundo recebia o “vírus estrangeiro” como se recebe uma implosão maligna transmitida individualmente pelo migrante geral que são do seu sítio” (JL de 26 de Agosto a 8 de Setembro 2020). Esta acepção imbrica na primeira 1. *estrangeiro, hóspede, peregrino, o que é de outro país*. Se a condição para se ser estrangeiro é a proveniência de outros espaços geográficos, detentores de outras identidades e culturas, a incomunicabilidade da(s) Língua(s)/Linguagem sinaliza imediatamente o conflito¹⁰. O problema radica nas aporias dessa mesma linguagem¹¹; nas profecias oraculares quase Déléficas da Língua¹²; e nas dissidências entre o significante e o significado¹³. O problema ressurgue quando estética e ética não são congêneres nem afins, devassam espaços e tornam fluídos os seus sentidos¹⁴. Em todo o caso, a Língua é aquilo que nos torna hóspedes ou estrangeiros dentro do Estado. É possível homens falarem a mesma língua e não se entenderem, tornarem-se estrangeiros dentro da mesma pátria mas o contrário também é válido:

Em Vigo, um casal de velhos com alzheimer./ Ele alemão, ela espanhola./ Ele esqueceu o espanhol./ E agora não se entendem./ Só ficaram com a primeira das línguas./ Um fala, o outro não percebe./ Mas continuam juntos./ Alguma coisa devem perceber. (Tavares, 2020, 15 de Abril)

Gonçalo M. Tavares joga com as ambiguidades das falsas sinonímias, focaliza as contradições entre a etimologia e a sua adequação semântico-pragmática, analisaremos três exemplos: regredir e retroceder; crescimento e progresso; simulação e duplicação. Tal como Jano não podemos perder a capacidade de olhar para o futuro com as chaves de leitura do passado:

¹⁰ Tavares, 2020, 4 de Maio.

¹¹ “A igreja de uma seita brasileira está fechada e tem um papel à porta a dizer, a vermelho:/comunicado sobre o coronavírus./E em baixo: informamos que as reuniões de cura de doenças estão canceladas por causa dessa doença./Uma lição de linguagem” (Tavares, 2020, 8 de Abril).

¹² “Aquele que profetiza é maior do que aquele que fala línguas”, aberto ao acaso, Coríntios I. (Tavares, 2020, 21 de Abril)

¹³ Tavares, 2020, 7 de Abril.

¹⁴ “As línguas são também posições de letras, desenhos./Pode uma frase terrível ser visualmente bela./O perigo de uma outra língua que não entendemos é esse./Por vezes a beleza faz o mesmo que a poeira e não deixa ver” (Tavares, 2020, 30 de Março); “Gosto dos tradutores automáticos que entram na alta estética sem o saber” (Tavares, 2020, 6 de Abril).

Imagino em algumas igrejas as gravações da missa voltarem ao latim/É preciso voltar atrás./Na Europa as pessoas vão deixando a sua Língua à porta, no lado de fora./Abdicam da sua Língua anterior e começam a falar outra. /O latim é uma hipótese./Também podemos gritar. (Tavares, 2020, 26 de Março)

O dicionário Bailly Grego-Francês apresenta para *Xenos* o significado de estrangeiro, aquele que vem de outro país mas que recebe acolhimento e hospitalidade; bárbaro é aquele que não fala a língua grega. Na evolução histórico-semântica do termo, bárbaro é alguém desprovido de civilidade, inculto, que não se coaduna com determinados códigos de comportamento, aquele que age com violência e desrespeito, selvagem (não manso). Veja-se o desvio semântico-pragmático que Gonçalo M. Tavares faz sarcasticamente a esta barbaridade que é ter fome, no século XXI, e a violência inerente à incapacidade de satisfazer as necessidades vitais:

O manso é aquele que é comido sem dizer ai nem ui./ A fome humana, essa, nunca amansa./ Ao contrário dos cavalos selvagens, de alguns lobos e de vários chacais./ O cavalo domestica-se à força do punho forte e à corda. Com a repetição e por vezes ao pontapé./ Mas não podes amansar o teu estômago, que é coisa selvagem./ Não há corda, punho, pontapé ou jejum repetido que domestique./ Levanta-se o estômago a cada novo dia de manhã e diz: Quero. (Tavares, 2020, 20 de Maio)

Aquele que é violento suscita medo (*phobos*) e a virulência do vírus e a inatingibilidade do perigo coloca o indivíduo perante o medo de uma constante agressão¹⁵. O medo aproxima os homens dos animais, ao acirrar este instinto de sobrevivência mais primário: “a diferença entre o humano e o lobo é que o humano pode uivar” (Tavares, 2020, 12 de Junho)¹⁶. Neste vector das relações do

¹⁵ “O medo não tem unidade de medida./Não se mede em metros ou quilogramas./Talvez o medo também não tenha um zero que seja o último./Talvez o medo seja uma substância googol mas sem fim./.../Raul Bopp, Brasil./Há medo nas favelas brasileiras e as máfias criminosas tentam controlar esse medo, ameaçando./Medo x Medo x Medo x Medo” (Tavares, 2020, 11 de Abril); “Uma frase terrível de Canetti: “Ele refugiou-se em Deus. /Aí é onde mais gosta de sentir/medo./Escolher os sítios onde se prefere ter medo./Muitos hoje preferem ter medo dentro de casa. Outros não” (Tavares, 2020, 12 de Abril).

¹⁶ Ainda sobre o medo, *vide* “Quem tem o mesmo medo tem o mesmo cheiro, /quem tem o mesmo cheiro tem o mesmo nome, /quem tem o mesmo nome tem o mesmo medo./E quem tem o mesmo medo tem o mesmo cheiro./As espécies animais distinguem-se pelo olfacto./Quem perde o olfacto perde a família” (Tavares, 2020, 13 de Abril); “Nossa Senhora das Janelas, sim./Todos à espera que o vazio fique ainda mais vazio./Esvaziado daquilo que mete medo./Máscaras Louis Vuitton, 199 dólares./Numa caixa amarelada, bem elegante./Lá dentro um saco, o mesmo nome: Louis Vuitton./Anuncia uma jóia, mas é uma máscara castanha, tamanho M./Tamanho M de médio ou de Medo?/Imaginar tamanho M./Tamanho do Medo./.../ Em Português M na roupa deixou de significar médio e passa a ser medo./Roupa com tamanho do medo./é essa a sua melhor coragem, / não têm medo dos caminhos tortos./Não ter medo dos caminhos tortos” (Tavares, 2020, 20 de Abril); “Contra a liberdade, igualdade e fraternidade: infantaria, cavalaria e artilharia. Uma síntese./Hoje há ainda soldados, cavalos e canhões – mas há também a força que vem do ar./E agora o medo que vem do chão, do ar e das coisas” (Tavares, 2020, 22 de Abril; 2020, 24 de Abril; 2020, 26 de Abril).

humanesco versus animalesco, é interessante reconhecer os animais que Gonçalo M. Tavares convoca nos seus diários e os simbolismos que eles comportam. Além das cadelas que o acompanham no seu confinamento e labor literário, a Roma e a Jeri, as referências a outras espécies vêm na esteira do carácter propedêutico como se os animais com as suas condutas ensinassem ética aos homens. Desde Esopo passando por Plutarco (*De sollertia animalium – Moralia XII*), Montaigne, La Fontaine até Orwell, as fábulas e as alegorias theriofílicas são férteis para a discussão do *modus operandi* das sociedades, de valores como a piedade, fidelidade, gratidão, magnanimidade e ainda de qualidades como a inteligência e a tenacidade¹⁷.

Os anúncios anunciam um futuro qualquer daqui a duas semanas ou um mês, e imagino uma multidão de humanos a sair à rua para aplaudir os animais.

Os gatos, os cães, os animais de rua.

E depois abalroando o zoológico para aplaudir os animais selvagens.

É preciso aplaudir os animais, penso.

E sei que isto é forte mas é difícil explicar porquê.

Como se os animais se tivessem portado bem durante estas semanas de sobresalto humano.

Como se tivessem sido corajosos.

Ou compreensivos. (Tavares, 2020, 27 de Abril)

O vírus veio remeter o homem para o mais primitivo do seu instinto e da sua natureza e ainda mais, na desvantagem relativamente aos outros animais, quando se encontra desprovido do olfato e do paladar. A pandemia coloca o outro da mesma espécie como potencial inimigo e quando o medo se instala entre os pares, a atomização é inevitável. Nesse sentido, a distância de segurança é a única coordenada que norteia o homem, nesse espaço vazio e omissivo da (não) convivência social, que o esconde atrás da sua própria máscara. Começa a expirar-se para dentro e a linguagem passou a ser incoerente¹⁸.

¹⁷ “Os animais fazem isto melhor do que os homens/Ou dormem ou estão presentes” (Tavares, 2020, 4 de Abril). *Vide* ainda alguns exemplos sobre lobos (Tavares, 2020, 25 e 29 de Março; Tavares, 2020, 20 e 28 de Maio; Tavares, 2020, 4 e 12 de Junho); sobre cavalos (Tavares, 2020, 10 e 22 de Abril; Tavares, 2020, 20 e 30 de Maio); sobre cães (Tavares, 2020, 23 e 30 de Março; Tavares, 2020, 2 de Maio); sobre chacais (Tavares, 2020, 20 de Maio); sobre ratos (Tavares, 2020, 18 de Maio).

¹⁸ “Em várias cidades da Europa: máscara e distância de dois metros entre cada um./Para gritar é preciso tirar a máscara ou então o grito sai abafado e não parece grito, mas/ sussurro ou pedido gentil”, (Tavares, 2020, 1 de Maio); “Muitos recusam-se a usar máscara e são olhados de lado./ Muitos usam máscara e são olhados de lado./ O olhar de lado para um outro humano chegou com força ao século, e não vai sair tão cedo./ Uma nova espécie humana que olha mais de lado que de frente” (Tavares, 2020, 28 de Abril).

Animalesco e humanesco: haverá lugar para hospitalidade? a osmose de *habitats* e os códigos de sobrevivência e acolhimento

Deleuze: um escritor dirige-se sempre ao animal que existe dentro do homem./Agora imaginar o contrário: o filósofo dirigir-se à parte humana que existe no animal.

(Tavares, 2020, 6 de Junho)

A hospitalidade é um vínculo de protecção daquele que se encontra em situação adversa ou desfavorável, no qual se tece o sentido do respeito e da solidariedade, relevante não só para a estabilidade da comunidade mas também para a formação do *ethos* do homem. No canto XVII da *Odisseia*, Ulisses volta a Ítaca disfarçado de pedinte e é insultado e agredido por um dos pretendentes de Penélope, no seu próprio palácio. Este episódio ilustra a quebra de decoro e das regras de hospitalidade, que visam evitar o caos, a violência e a barbárie. Veja-se a referência a este *topos* no *Diário da Peste*:

Por vezes, no mundo terrível, pessoas abrem um pouco a porta de casa e cospem à/ passagem de estrangeiros. / Estrangeiro, numa certa língua eslava, dizem-me, significa mudo. / Aquele que não fala a minha língua é mudo. / Aquele que não tem a minha história é mudo. (Tavares, 2020, 25 de Março)¹⁹

Na Antiguidade Clássica, a hospitalidade pressupunha oferecer as melhores refeições, abrigo e protecção, e convertia-se no código ético extensível por gerações, como prova de amizade entre famílias²⁰. Este vínculo moral é representado por Glauco e Diomedes, no canto VI da *Ilíada*, por se encontrarem ligados por esses laços dos seus antepassados e desistindo da luta, trocando as armas como prova de sentimento mútuo de respeito.

Derrida explora a antinomia e a contradição indissolúvel entre a lei da hospitalidade absoluta e de acolhimento incondicional com a lei da hospitalidade como direito e dever, um pacto. Seguindo a primeira o homem cumpre-se na sua dimensão mais humana, seguindo apenas a segunda, torna-se um burocrata:

La première exige que j'ouvre mon chez-moi et que je donne non seulement à l'étranger (pourvu d'un nom de famille, d'un statut social d'étranger, etc.) mais à l'autre absolu, inconnu, anonyme, et que je lui donne lieu, que je le laisse venir, que je le laisse arriver, et avoir lieu dans ce lieu que je lui offre, sans lui demander ni réciprocité (l'entrée dans un pacte) ni même son nom. (Derrida, 1997, p. 29)

¹⁹ Vide ainda Uma imagem com duas semanas, chacais no centro de Tel Aviv./ Estão com fome e perderam o medo./ Porque estão com fome perderam o medo./ É preciso que voltem a ter/medo ou comida, alguém diz./ Uma coisa ou outra./ Com fome e sem medo até uma pedra é perigosa” (Tavares, 2020, 5 de Maio).

²⁰ “O cumprimento da fila de pessoas para receber sacos de comida./ A distância mínima/ para um vivo não ter medo de outro” (Tavares, 2020, 9 de Maio). Sobre este assunto, vide Wace, 1963.

Benveniste coloca a tónica na diferenciação de *hostis* (estrangeiro) e peregrino, que reside fora dos limites territoriais:

hostis est “l'étranger, en tant qu'on lui reconnaît des droits égaux à ceux des citoyens romains”. Cette reconnaissance des droits implique un certain rapport de réciprocité, suppose une convention: n'est pas dit *hostis* quiconque n'est pas romain. Un lien d'égalité et de réciprocité est établi entre cet étranger et le citoyen de Rome, ce qui peut conduire à la notion précise d'hospitalité. En partant de cette représentation, *hostis* signifiera “celui qui est en relation de compensation”. (Benveniste, 1968, pp. 93-94)

A compensação, enquanto lugar de reciprocidade e de simetria relacional é representado na *Odisseia* no episódio em que Ulisses é recebido pelos Feáces e faz a narração da viagem, a pedido de Alcínoo. A narração é como a manifestação da confiança pelo acolhimento que recebe ao mesmo tempo que é a possibilidade do anfitrião conhecer o seu hóspede e daí se gerar a sua integração²¹.

A confluência de espaços, a hibridização dos *habitats* torna esta osmose entre os homens e os animais problemática²². O confinamento veio desvirtuar a ideia de cidade enquanto *pólis*, espaço de ocupação pública e acção política, esvaziou-se a concentração demográfica e desmembrou-se o corpo social²³. As cidades desabitadas são invadidas por animais que assaltam espaços urbanos enquanto que o homem é espoliado do seu *habitat*, reduzido à sua célula doméstica e domesticável: “Se o confinamento durasse muito, o centro das cidades ficaria para os ovnis e para/os animais selvagens” (Tavares, 2020, 24 de Maio), as cidades passariam a ser selvas e as aglomerações humanas apenas tribos (classes e categorias), desapossados do estatuto de *ciuis* e do direito à cidadania. Cidades em vias de extinção como um qualquer animal raro e exótico, a sociedade reduz-se ao indivíduo atomizado que deve manter o distanciamento do outro indivíduo, uma potencial ameaça.

O corpo tornado sagrado de novo.
Aquilo que tem de ser protegido.
Tenho uma colecção a que chamo cidade do mundo.
Miniaturas de casas e edifícios de diferentes cidades./Está empacotada”.
(Tavares, 2020, 1 de Abril)
“Por vezes quadrado, outras vezes circunferência.
Platão domestica de novo a cidade.

²¹ Sobre este *topos*, vide Eco, 2011, pp. 159-196.

²² “Na Europa, os humanos já começam a regressar e com eles o medo muda de posição./ O medo tem de voltar ao coração dos animais selvagens./ Os animais selvagens vão ter de recuar para 2019” (Tavares, 2020, 6 de Maio); “Os animais magros assustam./ Como se fossem mais humanos por serem magros” (Tavares, 2020, 21 de Abril); “Os animais do zoológico de Nova Iorque parecem não ligar à peste. Mas nem todos os/animais são iguais./ Há uns que estão deprimidos, dizem os tratadores./ Faltam-lhes os aplausos humanos” (Tavares, 2020, 27 de Abril); Não se sabe se a epidemia começou “por contacto com animais infetados ou se resultou/de um acidente num laboratório em Wuhan” (Tavares, 2020, 1 de Maio).

²³ Cf. Tavares, 2020, 25 de Abril.

Domus, casa; domesticar: fazer com que o exaltado se aproxime da casa.
 Quadrados: T-zero em miniatura. (Tavares, 2020, 11 de Maio)

Estado, Cidade, Bairro, Casa: uma cadeia de gradação inalienável em Platão. A *República* representa a busca pela cidade ideal que deve assentar nas quatro virtudes matriciais: *Dikaiosyne* (Justiça), *Sophrosyne* (Temperança), *Andreia* (Coragem) e *Sophia* (Sabedoria). Os dez livros platónicos concatenam os esforços atenienses para a construção de uma cidade decalcada sobre o modelo idealmente perfeito: uma vida destituída de luxos e de *delitiae* na exaltação do homem valente, como deve ser um guerreiro. O mais importante para a pólis/cosmópolis não são as riquezas materiais ou prazeres enganosos, mas a sua transformação numa moradia comum, justa e equilibrada para todos os cidadãos. As virtudes platónicas metamorfosearam-se e tornam-se agora vilãs, em pleno século XXI²⁴. Crescimento e desenvolvimento estabelecem mais uma falaciosa sinonímia. A sabedoria e argúcia de Ulisses foi vencida (ou melhor, deixou-se vencer) pela força bruta dos Ciclopes e a coragem desemboca agora no medo:

O medo coloca a cabeça de um vivo no sítio errado.
 Coloca a cabeça na fuga e não no desejo. (Tavares, 2020, 4 de Junho)

E quem não tem o medo perdeu simplesmente a vontade de ter coragem ou tem pressa:
 Uma mulher acelera na rua e diz que não tem medo, só pressa. (Tavares, 2020, 19 de Maio)

A pandemia ensina a desconfiança, a geometria e a matemática para compreendermos a (des)proporção deste conflito e a assimetria das nossas forças sempre que se digladiam com a natureza²⁵. Nesta guerra os flancos inimigos não estão delimitados nem sinalizados, e outro qualquer é um inimigo em potência²⁶. A pandemia localiza-nos num território epónimo de guerra, desta vez somos todos guerreiros em *bunkers*, na vertigem e na ausência do ruído das balas, o que pode ser ainda mais desconcertante:

Está cá agora por causa do marido e diz que se sente pior agora
 Porque não sabe qual é a zona dos “bons e dos maus”.
 E qual é a zona dos bons e dos maus?
 É preciso marcar no chão a ética para a entendermos. (Tavares, 2020, 9 de Abril)

²⁴ “A polícia mexicana matou com brutalidade um homem que não usava máscara na rua./ Não queremos conhecer o teu rosto./ As cidades cresceram demasiado depois de Aristóteles” (*Diário da Peste* de 5 de Junho e 17 de Junho).

²⁵ “Os cientistas que nos anos sessenta estudavam os possíveis efeitos das guerras nucleares faziam cálculos a partir do termo megabody que/representava um milhão de cadáveres potenciais” (Tavares, 2020, 9 de Maio).

²⁶ Tavares, 2020, 2 de Abril.

Não existe arsenal bélico nem porta-aviões, o conflito sofisticou-se e tornou-se além de frio também invisível, já não há soldados de infantaria ou de cavalaria, todos são vítimas possíveis e passíveis. Neste tabuleiro de xadrez, a torre avança destemidamente sempre em frente, o peão também mas de forma mais precavida, bispos percorrem diagonais, e as rainhas tudo fazem, tudo podem para protegerem os reis, cada um da sua maneira, cada um seguindo uma filosofia, “cada um no seu quadrado com as distâncias de segurança: Foi um pedido da Rainha Isabel II”.//Nunca desistir, nunca desesperar, um lema antigo (Tavares, 2020, 8 de Maio). Cada um no seu quadrado e a verdade é que fomos todos remetidos para um espaço menor de acção física e de liberdade, mas talvez tenhamos ganho intensidade na agonia do nosso sentir. A única retórica é a do silêncio e do isolamento, sozinho e solitário com os seus pensamentos ensurdecedores. Mexe-se uma peça e depois aguarda-se, é tempo de espera em que o ritmo consegue ser constante. Como em qualquer guerra, nesta também há lugar para a traição, que saiu da linguagem e entrou na biologia. Estar doente é uma ameaça ao Estado e torna-nos imediatamente estrangeiros²⁷.

O *Diário da Peste* aponta para a fronteira ténue, quase osmótica, entre o impulso animal e a vontade humana, a labilidade entre a razão e o instinto perante o medo e a necessidade de sobrevivência. A referência ao lobo é particularmente recorrente seja pelo imaginário infantil da *estória* do capuchinho vermelho e do lobo mau – cartaz com anúncio: o desenho de um lobo a dizer VOU TE COMER;//e muitas ovelhas em redor do cartaz, a dizerem: gostei dele, ele fala o que pensa (Tavares, 2020, 28 de Maio); seja da *estória* dos três porquinhos – “Uma história infantil do lobo mau e dos três porquinhos.//Dizia que o lobo era mau, muito mau, todo mau.//Mas ninguém é mau, muito mau, todo mau” (Tavares, 2020, 25 de Março) –, mas sobretudo pela herança romana da loba do capitólio, que amamentou Rómulo e Remo, figuras fundacionais para a Cultura Europeia Ocidental.

As mães nas pequenas aldeias da Colômbia a uivar às janelas.
E a uivar pelos caminhos perigosos para os filhos ouvirem.
Imagino a mãe que de tanto uivar fica mesmo lobo.
Só voltará a ser humana se recuperar o filho.
Nós, violentos, mais tempo perduramos. (Tavares, 2020, 25 de Março)

E percebemos isto nas primeiras semanas de março e abril: casa bunker;
a comida entra por um lado e os dejectos saem por outro. E isso basta.
Quando o humano entende isto torna-se lobo e já não há regresso.
Nem do amigo necessitas. Muito humano vai sair de 2020 predador e carnívoro.
(Tavares, 20 de Junho)

Paul Valéry dizia que a evolução do Homem, em relação aos outros animais, não se devia ao facto de ele ter o polegar oponível, mas sim ao facto de ter uma alma oponível, se quisermos, a possibilidade de olhar para si mesmo, e contra si, na consciência das suas falhas, traumas na lucidez trágica da sua existência.

²⁷ Tavares, 2020, 24 de Março.

Talvez tenha sido este o mote pelo qual Gonçalo M. Tavares converteu Valéry em um vizinho do seu *Bairro* – “O Senhor Valéry e a Lógica”. A apetência pela racionalidade da sua escrita confronta-nos com a separação e dissolução de todas as coisas, a fragmentação do indivíduo, a queda porque “faz todo o sentido um filósofo investigar a queda livre. //A queda que não é consequência de um empurrão, mas de uma decisão. //Livre, isto é: sem apoios” (Tavares, 2020, 9 de Abril). A queda pode ser um estado mas é também um lugar para onde fomos convidados pela força gravítica e não por nossa vontade ou decisão individual.

Se a função vital dos animais é ceder ao instinto, a do Homem é contrariá-lo, mas Gonçalo joga com a aproximação da biologia, desnuda a familiaridade do homem com os animais nas suas funções mais primárias de subsistência e sobrevivência.

Roma bebe água na tigela, parece estar sedenta ou então está a transformar-se num camelo: bebe para os futuros dias difíceis; (Tavares, 2020, 23 de Março)

Um animal não consegue apenas olhar para uma ferida.

Nada na vida do animal é estética, tudo é urgência e socorro.

Tudo é ética, no animal, portanto. Nada nele dá atenção à beleza ou à fealdade. (Tavares, 2020, 14 de Maio)

Outros nomes: lampírio, lampiro, lumeeira, mosca-de-fogo.

Animal que produz luz. E os humanos com inveja. (Tavares, 2020, 17 de Maio)

O instinto do homem em contrariar a finitude e a efemeridade da vida contrasta com a aceitação natural e inconsciência dos animais, só para o homem é que isso consiste num problema existencial:

A cabeça livre de um animal impõe respeito/Se necessário, uma máscara humana pode ser roubada à cabeça dos animais que estão/proibidos de lambe as patas./ Eu sou um humano, e também devia estar proibido de lambe as minhas patas./A única coisa a fazer com as patas é avançar. (Tavares, 2020, 5 de Abril)

Máquinas, maquinismos, engrenagens e outros barbarismos

Uns dizem que é a revolta da natureza./Pensávamos que era tudo nosso, mas não./Karl Kraus: “não há só máquinas, há também tempestades”./Esquecemo-nos das tempestades.

(Tavares, 2020, 15 de Abril)

O mote na primeira crónica a 23 de Março é a referência explícita a Itália, epicentro do terramoto pandémico na Europa. Da mesma forma, faz-se a referência indirecta ao contexto de desemprego do pós-guerra e ao valor da bicicleta como forma de subsistência não deve ser subestimada – “Em Turim, de bicicleta, entregava pizzas e gelados como estafeta” (Tavares, 2020, 10 de Maio). A bicicleta é aquele objecto quase máquina que negocia bem o esforço com o seu

utilizador²⁸. O comboio e a bicicleta são dois meios de transporte preferenciais na literatura de Gonçalo M. Tavares, na representação dos conceitos de intensidade e velocidade²⁹. O comboio impulsiona o movimento para a frente com pouca flexibilidade e margem de manobra para a vontade individual, que se vai neutralizando no caminho assumido pela locomotiva³⁰. A bicicleta, pelo contrário, permite à pessoa imprimir a intensidade e o ritmo que deseja ou consegue, é o viajante que decide o sentido da marcha, não sendo máquina também não deixa de operar um movimento físico e mecânico. A bicicleta é uma extensão do indivíduo, um *upgrade* do movimento humano. Se falamos das quatro dimensões da Era da Técnica – ritmo, velocidade, movimento, intensidade – na filiação do espaço e do tempo teremos de aprofundar a sua familiaridade com o futurismo, desde o Manifesto de Marinetti. O futurismo enquanto movimento artístico e literário renegava moralismos e deslumbrava-se com a velocidade e com os desenvolvimentos tecnológicos do século XIX. Os primeiros futuristas europeus exaltavam a força, com a apologia da máquina, assente num paradigma dinâmico da vida moderna com a ruptura com paradigmas do passado, exaltando o temor e o perigo como *ex-libris* da intensidade. Gonçalo M. Tavares assume-se herdeiro destas matrizes, satiriza-as e explora a relação do Homem com a Máquina agudizando a consciência do absurdo civilizacional do qual nos tornámos reféns.

Alicerçado a esta consciência de perda de liberdade a cada ganho tecnológico, porque qualquer tentativa de negociação e cedência para a máquina é ruínosa para o homem, Gonçalo M. Tavares convoca múltiplas intertextualidades. Desde Homero, passando por Camões, Shakespeare ou Erasmo, a Literatura ensina-nos que não há viagem, périplo ou itinerância sem escolhos ou tempestades. O homem impulsionou a máquina e desafiou-a a invadir a natureza, ilegalmente.

Polifemos e Adamastores também integram a viagem porém neste *Diário da Peste* tornam-se cyborgues, máquinas e criaturas que sendo geradoras de comportamentos não conseguem ser geradoras de sentimentos: “Geradores eólicos em toda a Grécia./Uma máquina entra na natureza para tirar energia do vento./Transformar o vento noutra coisa./Os gigantes dos mitos são agora de puro metal” (Tavares, 2020, 27 de Maio).

²⁸ “Quero muito andar de bicicleta, mas até para isso é preciso coragem” (Tavares, 2020, 15 de Abril).

²⁹ Vide *Diário da Peste* de 1 de Abril e de 15 de Junho; “Um matemático do século XX, Edward Gasner, pediu ao sobrinho “para dar um nome a um/número que tivesse uma centena de zeros”./O miúdo deu o nome: Googol./Lê-se: gugol./O googol é o 1 seguido de cem zeros./É a unidade de medida de um número enorme 7 mil googol, por exemplo./O nome da google veio daí./Foi um erro de digitação./Não é o infinito, mas quase./O último zero está sempre depois do sítio onde chegas a galope e à/velocidade da luz./Gogol é também o nome de um grande escritor russo./Imagino a unidade de/medida usando o nome do escritor russo./Dois Gogol, 7,3 Gogol” (Tavares, 2020, 11 de Abril); “A Ford, em vez de carros, produz máquinas para a medicina urgente./Em vez de máquinas para a velocidade, máquinas para a salvação./Imaginar o motor de um carro junto à cama de um doente./Dois mundos incompatíveis./Uma velocidade que não é pedida./Um motor errado./Não preciso dessa velocidade, diz um doente” (Tavares, 2020, 24 de Março).

³⁰ “Índia, ontem: carruagens de comboio convertidas em hospitais improvisados./É preciso travar o movimento. Da máquina feita para sair do sítio, fazer hospitalidade e cama parada” (Tavares, 2020, 15 de Junho).

A relação osmósica e quase contígua do homem do século XXI com a máquina, numa dependência tecnológica quase visceral para a sua sobrevivência faz com que as percepções se cruzem e confundam: “O espaço todo usado, distribuído entre máquinas, doentes/e médicos./Uma nova agricultura urgente semeia doentes e ventiladores (Tavares, 2020, 23 de Março). A inteligência artificial confunde dois conceitos distintos: simulação e duplicação. Se por um lado as máquinas exponenciam funcionalidades extraordinárias, superiores até às humanas, no sentido da lógica, do raciocínio e na acumulação de informações, por outro, faltam-lhes, qualidades e virtudes idiossincráticas da natureza humana, que as impede de reproduzirem a vida como ela é ou deve ser, dando apenas a ilusão de avatares. Nas crónicas de Gonçalo M. Tavares, a ideia de simulação de emoções das máquinas é ironicamente representada:

Por exemplo: aparece uma página com o título: Efeitos do Inverno no nosso corpo. Até as máquinas e os algoritmos têm limitações e pudor.
Não repito a pergunta ao google.
Não quero insistir. (Tavares, 2020, 7 de Abril)

As gruas são animais gigantes, animais de construção.
As máquinas de construção também ficaram na expectativa. (Tavares, 2020, 2 de Maio)

Dizem que “o sector da aviação vive os dias mais negros da sua história” e que há 16.100 aviões parados.

A imagem de aviões parados há semanas, vazios.

Rodeados muitas vezes de outras máquinas que de cima parecem tristes.

É muito estranho uma máquina parecer triste.

Uma definição possível: sem pessoas à volta, uma máquina parece perder o norte, o sentido.

Fica desorientada e só não grita porque não foi programada para isso. (Tavares, 2020, 4 de Maio)

Se pensarmos que a emoção está intimamente associada à memória e que é inerente ao contexto em que é adquirida, não podemos falar em memória de uma máquina mas na mera acumulação de informações³¹. Ao contrário do que propõe Descartes e mesmo Kant – de que o raciocínio deve ser feito de uma forma pura dissociada das emoções – são estas que permitem o equilíbrio das nossas decisões. O neurocientista António Damásio, confrontado com a pergunta se não estará na nossa natureza humana a falha primordial (ou se porventura a falácia não faz parte de nós), responde com a certeza de que temos um evidente desejo de autodestruição e de heterodestruição. Este facto, torna por si só o nosso próprio sistema corrompido por dentro (Alves, 2017). Gonçalo M. Tavares reafirma esta desesperança reconhecendo a indissociabilidade na natureza humana de

³¹ “Corto a barba com a máquina que caiu à água há duas semanas mas sobreviveu como um/náufrago de metal./A máquina perde a memória facilmente./Já não se lembra de nada – funciona” (Tavares, 2020, 2 de Maio).

antagonismos e dialécticas com as quais nos digladiamos incessantemente³². A outrora intensidade preconizada pelos futuristas não perdeu força no nosso século, ganha hoje outras formas de movimento, de violência e barbárie sobre o homem, na anulação dos seus direitos, seguranças, garantias e liberdades:

Em Londres drones quase discursam na altura do baixo céu.
O baixo céu é o céu a que as máquinas têm acesso.
Os drones dizem numa gravação:
Só deve sair de casa por questões de saúde, alimentação, etc.
Uma gravação bem extensa de recomendações de segurança.
Lembra as instruções de funcionamento de uma máquina.
Mas aqui são instruções de uma máquina para os humanos funcionarem.
Imagino drones que dão instruções sobre o funcionamento das pessoas em actividades simples.
Um drone por cima de um carpinteiro a dar instruções de como usar as ferramentas.
Um drone por cima de um ministro dando-lhe instruções sobre o discurso certo.
Drone por cima de um pintor sugerindo cores, traços, linhas. (Tavares, 2020, 4 de Abril)

Tal como os animais ensinam aos homens os códigos de sobrevivência e de hospitalidade, as máquinas simulam códigos éticos, fingem qualidades e virtudes humanas, confundem espaços funcionais e confessionais³³; as máquinas respondem ou simplesmente devolvem as perguntas; as máquinas resistem quando os homens sucumbem³⁴; as máquinas humanizam³⁵, as máquinas dão ânimo e ale-

³² Eram doze valentes e doze cobardes/que ali iam,/sendo apenas doze homens no total./E isto porque/cada homem tem, de modo telegráfico, as duas faces: tem medo e mete medo./Um homem unilateralmente corajoso não existe,/a não ser que seja unilateralmente pouco inteligente. (Tavares, 2010, pp. 266-267).

³³ “De súbito, lembro-me de um confessorário./Sem padre, a máquina faz o mesmo. Exige confissões./Uma máquina que sem falar obriga o corpo a confessar tudo./Confissão estranha sem abrir a boca, nem os olhos./Por favor não abra os olhos – dizem-me antes de entrar./Há anos que não os abro, quase respondo./E sim, é uma máquina moderna de confissões antigas./Mas podes até adormecer enquanto te exigem respostas decisivas./Nunca vi; coisa estranha mas possível. Mas sim, há quem adormeça dentro desta máquina/que assusta e é longa” (Tavares, 2020, 26 de Maio).

³⁴ “A arte de tocar sinos, uma arte das mãos, do controlo da força./Sinos que não aceitam ser tocados por mecanismos./Sinos de metal humano./Mas nestes dias por vezes têm sido as/máquinas a ficar no seu posto, a cumprir a sua missão, sem medo./É preciso por vezes/homenagear as máquinas./Elas ficam./Alguém me diz que não havia ninguém para tocar os sinos./Só as máquinas” (Tavares, 2020, 27 de Março).

³⁵ “No Hospital del Mar uma enfermeira pega no seu próprio telemóvel e faz uma chamada para/o filho de um doente./4º Andar, quarto 429./Faz uma vídeo chamada, pega no telemóvel, aponta para o rosto do doente./“Respira bem, sim, sem a máquina”, diz ela para o filho do doente acamado./E repete, a sorrir: “Não vê? Não vê?”/Quer mostrar que o pai dele não está tão/doente, que melhorou./Repete: respira sem máquina, está só com uma máscara!/Fala como se anunciase a um pai que acabou de lhe nascer um filho./Mas não./Está a anunciar a um filho que o pai ainda está vivo./O doente levanta a mão em direcção à imagem do filho./A enfermeira aproxima o telemóvel./A mão fica a uns centímetros do ecrã./Tocar no rosto do filho na tela é/nestes dias tocar no rosto do filho./Quase tocar na tela é quase tocar no corpo./Olá! eu sou a/Susana, diz a enfermeira com ar

gria³⁶, as máquinas resistem³⁷ e a máquina ensina-nos a recordar, a ter memória e a sentir nostalgia, qual canto das sereias³⁸. A pandemia veio agudizar a nossa miopia e incapacidade de vislumbrar o futuro, empurrou-nos para uma vertigem da qual ainda nos estamos a restabelecer. Certo é que nunca se volta atrás numa viagem que se cumpriu e teremos dois séculos dentro do mesmo século, de onde sairá uma nova espécie com muitos predadores e carnívoros³⁹. A experiência no manicómio com o soldado Svejik é prova disso: se dermos cinco passos para a frente e cinco passos para trás, percebemos que nunca ficamos no mesmo sítio porque não só não é possível estagnar como nunca se consegue regressar ao lugar de onde se partiu⁴⁰.

Referências bibliográficas

- Alves, C. F. (2017). A vida dos sentimentos. *Jornal Expresso*, 5/11/2017. Consultado a 20/08/2020. <https://expresso.pt/sociedade/2017-11-05-A-vida-dos-sentimentos>
- Calvino, I. (2015). *As Cidades Invisíveis*. Lisboa: Coleção Essencial LeYa.
- Coelho, E. p. (2002). O igual é sempre desigual. *Jornal Público*, 20 de Julho. Consultado a 20/08/2020, <https://www.publico.pt/2002/07/20/jornal/o-igual-e-sempre-desigual-172931>
- Derrida, J. (1997). *De l'hospitalité*, Anne Dufourmentelle invite Jacques Derrida à répondre. Paris: Calmann-Lévy.
- Eco, U. (2011). *Construire l'ennemi et autres écrits occasionnels*. Paris: Bernard Grasset.
- Henriques, I. (2019). Não me satisfaz a ideia de só contar uma história. *Tunet Radio*. Consultado a 20/08/2020, <https://www.tunetradio.com/2019/12/26/goncalo-m-tavares-nao-me-satisfaz-a-ideia-de-so-contar-uma-historia/>
- Mira, G. (2019). De Mau a Excelente. *Jornal Público*. Consultado a 20/08/2020, <https://www.publico.pt/2014/12/19/culturaipilon/critica/de-mau-a-excelente-1679595>
- O'Neill, A. (2008). *Já cá não está quem falou*. Lisboa: Assírio e Alvim.
- Sena-Lino, p. (2002). A Literatura deve falar sobre o que nos é muito escuro. *Jornal Público*, 7 de Setembro. Consultado a 20/08/2020, <https://www.publico.pt/2002/09/07/jornal/a-literatura-deve-falar-sobre-o-que-nos-e-muito-escuro-174232>
- Silva, J. (2016). *Diante do enigma*. Rascunho edição 190. Consultado a 20/08/2020, <http://rascunho.com.br/diante-do-enigma/>
- Tavares, G. M. (2010). *Uma Viagem à Índia*. Lisboa: Caminho.

feliz para o filho que está no outro lado do ecrã./É preciso infiltrar nas fissuras a alegria” (Tavares, 2020, 28 de Março).

³⁶ “A alegria não basta, mas é necessária./Uma alegria que salvasse, que fosse máquina de fazer/ respirar quem começa a não conseguir respirar./Uma máquina não pode dar alegria./Ou talvez possa, mas não de forma directa./Uma máquina cuja função fosse instalar na/fissura da doença uma alegria alta ou pelo menos mínima./Encomendar máquinas que não/existem a fábricas que ainda não existem” (Tavares, 2020, 28 de Março).

³⁷ Os sinos tocam na basílica de São Pedro./A arte de tocar sinos, uma arte das mãos, do/controlo da força./Sinos que não aceitam ser tocados por mecanismos./Sinos de metal humano./Mas nestes dias por vezes têm sido as máquinas a ficar no seu posto, a cumprir a sua missão, sem medo./É preciso por vezes homenagear as máquinas./Elas ficam./Alguém me diz/que não havia ninguém para tocar os sinos./Só as máquinas.(Tavares, 2020, 27 de Março)

³⁸ Recebo um link: carrega-se num ano e aparecem as músicas mais ouvidas nesse período./Chama-se “máquina de nostalgia”./Uma máquina coletiva de nostalgia (Tavares, 2020, 6 de Abril).

³⁹ Tavares, 2020, 20 de Junho.

⁴⁰ Tavares, 2020, 6 de Abril.

Tavares, G. M. (2014). *Histórias Falsas*. Lisboa: BIS

Tavares, G. M. (2020). Diário da Peste. *Jornal Expresso*. Consultado a 20/08/2020, <https://expresso.pt/autores/2020-03-24-Goncalo-M.-Tavares>

Wace, A. J. B. & Stubbings, F. H. (1963). *A Companion to Homer*. London: Macmillan.

Resumo

A 23 de Março de 2020, início do confinamento em Portugal, no contexto da pandemia da COVID 19, Gonçalo M. Tavares inaugurava no *Jornal Expresso* um espaço de crónicas diárias a que chamara *Diário da Peste*. Bastou o mais pequeno elemento da natureza – um vírus – para que a Humanidade, convencida do seu inabalável gigantismo ciclópico, se recordasse de que é falível e insignificante, para que se deparasse com a fragilidade da sua condição, perdendo a presunção de que a “potência militar e tecnológica” a pudesse salvar. Perante a invisibilidade do perigo, mergulhámos numa cegueira coletiva: os valores éticos e os códigos sociais tornaram-se difusos e os cinco sentidos insuficientes para reconhecer o inimigo e preservar a(s) espécie(s). A ameaça paralisou-nos, obrigou-nos a esperar como se a espera fosse uma acção. O indivíduo desencontrou-se de si mesmo e vê-se agora privado das suas esferas públicas que comprometem, inevitavelmente, todas as suas outras dimensões ontológicas. O presente trabalho pretende desenvolver uma análise etimológico-semântica dos conceitos de *hostis*, *xenos*, bárbaro, reconhecendo de que forma Gonçalo M. Tavares potencia estas ambiguidades no jogo literário de cariz filosófico e sócio-político do *Diário da Peste*. Deter-nos-emos também na relação de concorrência do homem com a máquina e outras engrenagens tecnológicas, como se de duas espécies do mundo natural se tratasse: a supremacia de uma representa a ameaça sobre a outra. Consequentemente, iremos ainda reflectir sobre a usurpação dos espaços entre o homem, o animal e a máquina, uma *hybris* decorrente do desrespeito das fronteiras dos respectivos *habitats*, o que aprofunda o tema da hostilidade e hospitalidade. Afinal, quem são os estrangeiros, quem determina quem são os Outros, de onde vem a ameaça e quem somos nós: questões nodais e liminares para o nosso exercício.

Abstract

On 23 March 2020, at the onset of the confinement in Portugal, prompted by the coronavirus pandemic, Gonçalo M. Tavares commenced, in the Lisbon-based newspaper *Expresso*, his daily chronics titled *Diário da Peste (Plague Diary)*. The smallest element in nature, a virus, confronted Humanity with its condition's fallibility. Convinced of our unwavering cyclopean gigantism, we are losing the presumption that the “military and technological might” could save everything. Faced with the invisibility of danger, we plunged into a collective blindness: the ethical values and social codes became scattered, blurred and the five senses insufficient to recognize the enemy and to preserve the species. The threat paralyzed us, forced us to wait as if waiting were an action and if to think was a physical movement. Utterly lost, the Humankind now finds itself deprived of its public spheres that inevitably compromises all its other ontological dimensions. This paper aims to deepen an etymological and semantic understanding of the concepts of *hostis*, *xénos*, barbarian, recognizing in which way Gonçalo M. Tavares plays these ambiguities in his literary challenge of *Plague Diary*. We will also shed light on this competitive relationship between man and machine as being two species of natural world: the supremacy of one represents the threat over the other. Consequently, we will point out the usurpation of spaces between man, animal and machine, the *húbris* resulted from the lack of respect for borderlines between their *habitats*, which deepens the reflection about hostility and hospitality. Who are the foreigners? Who decides who are the Others? Where does the threat come from? Who we are: nodal and preliminary issues for our exercise.